

Análise da variação intra-sujeito na sinalização de um sujeito surdo em diferentes situações comunicativas

Analysis of within-subject variation in the signing of a deaf subject in different communicative situations

Júlio Cesar Ramos

UFPR

André Xavier

UFPR

Resumo: Este trabalho objetiva replicar o estudo de Zimmer (2000 [1989]) sobre variação no registro na ASL, focando na ocorrência de assimilação, perseveração, troca de dominância e uso da soletração manual. Para a análise desses aspectos, utilizamos três vídeos disponibilizados por um sinalizante surdo no *YouTube*, no qual ele mesmo aparece sinalizando em três situações comunicativas diferentes. Os resultados obtidos nesta pesquisa mostram maior frequência de assimilação no vídeo do relato pessoal e de perseveração e a troca de dominância no vídeo da aula com alunos. A soletração manual foi mais frequente na aula gravada sem alunos.

Palavras-chave: Assimilação. Perseveração. Troca de dominância. Soletração manual.

Abstract: This work aims to replicate Zimmer's (2000 [1989]) study on variation in register in ASL, focusing on the occurrence of assimilation, perseveration, dominance shift and the use of fingerspelling. To analyze these aspects, we used three videos made available by a deaf signer on YouTube in which he himself appears signing in three different communicative situations. The results obtained in this research show a higher frequency of assimilation in the personal report video and perseveration and dominance shift in the class video with students. Fingerspelling was more frequent in the class video recorded without students.

Keywords: Assimilation. Perseveration. Dominance Shift. Fingerspelling.

Submetido em 17 de outubro de 2024.

Aprovado 30 de dezembro de 2024.

1. Introdução

O interesse em pesquisar a variação fonológica de um sujeito surdo surgiu após cursar a disciplina “Estudos Linguísticos IV: Língua e Sociedade” no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Paraná. Nessa disciplina, trabalhamos as variações linguísticas na sociedade, e, como proposto no trabalho final, fizemos um seminário que consistia em analisar três vídeos de um mesmo sinalizante surdo, baseando-nos em Zimmer (2000 [1989]). Com isso surgiu o interesse em aprofundar a pesquisa sobre as variações fonológicas pesquisadas para o seminário.

Sabemos que assim como nas línguas orais, na libras também existem variações linguísticas. A sinalização pode variar de acordo com o sujeito ou ambiente em que está

acontecendo essa sinalização, variando do formal ao informal. Isso pode ser observado, por exemplo, quando um sinalizante apresenta um trabalho acadêmico, que é um contexto formal, ou quando ele está em uma roda de amigos, em uma conversa informal.

Este trabalho objetiva analisar a variação na frequência de ocorrência de três processos fonológicos, a saber, *assimilação*, *perseveração* e *troca de dominância*, bem como do uso da soletração manual em três situações comunicativas: aula gravada em estúdio sem alunos, aula gravada em sala de aula na presença de alunos e relato de experiência pessoal.

A libras hoje é mais pesquisada do que no passado. De acordo com Hackl (2021, p.105), isso tem relação com a promulgação da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que no Art. 1º reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (libras) como meio de comunicação dos surdos (Brasil, 2002). Apesar disso, a libras ainda é uma língua que necessita de pesquisas em várias áreas. As pesquisas sobre a libras avançaram, mas ainda faltam pesquisas voltadas, por exemplo, para a variação linguística de um mesmo sujeito em diferentes situações comunicativas. Sendo assim, o presente trabalho vem ao encontro dessa necessidade e visa contribuir com o preenchimento dessa lacuna na literatura.

2. Variação intra-sujeito na ASL por Zimmer (2000 [1989])

Zimmer (2000[1989]) pesquisou a variação de registro na língua de sinais americana, ASL (do inglês *American Sign Language*), a fim de identificar se fatores situacionais influenciam no uso de diferentes formas linguísticas. Os dados foram coletados de três fitas de vídeo de um mesmo sinalizante surdo, nativo de ASL. A primeira fita consiste em uma aula universitária sobre atitudes linguísticas entre os alunos surdos do ensino médio. Já a segunda fita se refere a uma conversa dirigida a um pequeno público sobre ser um “dono” de casa. A terceira e última fita é referente a uma entrevista de televisão, na qual o mesmo sinalizante das outras fitas é entrevistado.

Nenhuma das fitas, segundo Zimmer (2000 [1989]), apresenta uma linguagem casual. Na verdade, os três vídeos podem ser considerados formais, mas em diferentes graus, uma vez que no primeiro a sinalização é relativamente mais planejada em comparação com os dois outros, mais espontâneas.

Precisamente, a aula universitária é formal por se dar em um ambiente acadêmico, logo mais sério e impessoal. A conversa, por sua vez, é menos formal do que a aula universitária, uma vez que trata da vida particular do sinalizante. Ela até pode ter sido planejada, mas menos formal por ter a interação com o público-alvo. Finalmente, a entrevista,

por ter sido gravada para televisão, é mais formal do que uma simples conversa. Os participantes da entrevista não conversam como amigos, logo mantêm um certo nível de formalidade.

Zimmer (2000 [1989]) realizou a transcrição dos três vídeos, para que assim pudesse encontrar semelhanças e diferenças possivelmente decorrentes da variação de registro. A análise de Zimmer abrangeu aspectos fonológicos, morfológicos, lexicais e sintáticos. A autora não apresenta, no entanto, os resultados quantitativos obtidos, mas apresenta uma comparação entre as três situações.

Em relação aos aspectos fonológicos, Zimmer reporta que na aula universitária o espaço de sinalização é maior em comparação com as outras duas situações. Na aula, o sinalizante apresentou movimentos corporais, como passos ou movimento do tronco para referenciar algo ou alguém, de maior extensão. Os sinais foram executados de forma mais lenta com uma pausa maior ao final da sinalização. Já na conversa e na entrevista, o espaço de sinalização é reduzido, ou seja, os sinais são concentrados entre a altura da cabeça e o meio peito. No entanto, na aula os sinais se estenderam além desses limites.

Além disso, Zimmer atesta a ocorrência de troca de dominância nos três vídeos. De acordo Gabardo e Xavier (2019):

Esse processo consiste em usar a mão não-dominante para desempenhar papéis típicos da mão dominante, ou seja, (1) realizar sinais monomanuais, (2) iniciar o movimento em sinais bimanuais equilibrados, ou seja, em sinais realizados com as mãos em movimento, portanto ativas, e (3) desempenhar o papel de mão ativa em sinais não equilibrados (Gabardo e Xavier, 2019, p. 71).

Segundo Zimmer, a troca de dominância foi mais frequente na aula universitária do que nas outras duas situações. Na entrevista, esse processo foi observado apenas com pronomes e determinantes e em quantidade menor do que na conversa.

Ainda em relação aos aspectos fonológicos, a autora destaca que na aula universitária não foi encontrado nenhum caso de assimilação. A assimilação, segundo Silva e Xavier (2020, p.60), é o processo no qual um determinado sinal copia características de sinais que ocorrem antes ou depois dele. Zimmer expõe que embora seja difícil ver claramente em uma fita de vídeo esse processo, foi possível encontrar algumas assimilações na conversa, onde o pronome de primeira pessoa, tipicamente produzido com a configuração em 1, foi realizado com a configuração de mão em L ou B por assimilar tais configurações de sinais adjacentes.

Por fim, ainda falando de aspectos fonológicos, a autora pesquisou a perseveração. Perseveração, conforme explicam Silva e Xavier (2020, p. 67), ocorre quando realizamos um sinal bimanual e a mão não-dominante desse sinal fica suspensa durante a produção de sinais monomanuais seguintes. Zimmer (2000[1989]) reporta que a perseveração foi encontrada na aula universitária, mas de forma rápida durante um ou parte de um sinal. Já nas outros dois vídeos, conversa e entrevista, ocorreu com maior frequência e com maior duração, podendo ficar por dois ou três sinais seguidos.

Zimmer realizou ainda análises sobre os aspectos lexicais e morfológicos. De acordo com a autora, coloquialismos aparecem na conversa e em partes da aula universitária, mas não aparecem na entrevista. Há sinais como AND ‘e’ e THEN ‘então’ que aparecem apenas no corpo da aula, mas não na conversa ou na entrevista.

Em relação à morfologia, Zimmer reporta a ocorrência de movimento exagerado de alguns sinais para indicar algo difícil ou demorado. Isso apareceu com certa frequência na aula, mas não nas outros dois vídeos.

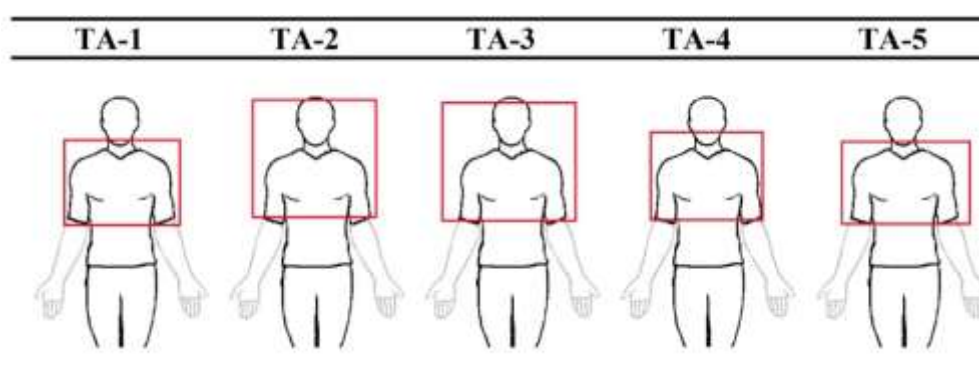
A autora analisou também os aspectos sintáticos e da organização do discurso. Na aula, perguntas retóricas apareceram com certa frequência, mas são raramente usadas nas outras duas situações comunicativas. Em contrapartida, a conversa teve maior uso de tópicos, mais do que na aula universitária. Outra ocorrência presente na aula é o uso de apontamento para a soletração manual, ou seja, o sinalizante faz a soletração manual de uma palavra com a mão dominante, e, ao final, segura a última letra, fazendo então o apontamento com a mão não-dominante. Isso aconteceu várias vezes com as palavras *deaf* ‘surdo’ e *attitude* ‘atitude’.

3. Variação motivada pelo gênero discursivo na libras por Silva (2013)

Silva (2013) pesquisou nove indicadores de formalidade na libras. Esses indicadores se referem (1) ao espaço de sinalização, (2) às Mão(s) e Dedo(s) Fora do Enquadramento, (3) à soletração manual, (4) à velocidade da sinalização, (5) à omissão da mão não dominante, (6) a expressões faciais afetivas, (7) a movimentos corporais, (8) ao uso de classificadores e (9) à articulação total de parâmetros fonológicos. Os dados utilizados para seu trabalho foram editais sinalizados monológicos de cinco tradutores-atores, TAs. Os objetivos do trabalho de Silva foram analisar os elementos linguísticos e extralinguísticos a que um sinalizante de libras recorre na produção de registros formais, bem como identificar os níveis de formalidade no discurso de TAs e possíveis artifícios que possam tornar o discurso monológico em libras mais formal.

Em relação ao espaço de sinalização, Silva (2013) considerou os lados direito e esquerdo, frente e atrás, em cima e embaixo. Além disso, considerou também a sinalização mais próxima ao corpo que pode ser análoga ao “falar baixo”, ou a produção de sinais de modo mais aberto que pode ser análoga ao “falar alto”. Em registros mais formais, o sinalizante deve ser devidamente posicionado, pois os sinais não podem sair do enquadramento. Silva (2013) observou que os TAs restringiram seu espaço de sinalização como mostram as imagens na figura 1.

Figura 1 – Quadro de limites da sinalização dos (TAs)



Fonte: Silva (2013, p. 116)

Outro aspecto que o autor analisou foi a velocidade da sinalização, VS. Para mensurá-la, Silva (2013) utilizou o *software* ELAN. Como resultado, ele observou que os TAs apresentaram variação na VS, mas nada que comprometesse o entendimento da produção.

A soletração manual, SM, foi analisada em relação a três aspectos: quantidade, velocidade e soletrações incompletas. A quantidade de soletração teve uma variação baixa entre os TAs. Elas não tiveram omissão de letras, ou seja, foram realizadas por completo (Figura 2). Já em relação à velocidade das SM, dois TAs realizaram com uma velocidade menor e os outros três TAs com velocidade maior conforme figura 3.

Figura 2 – Número e duração de ocorrências de SM.

Tradutores- Atores	Ocorrências de SM	Duração Total de Ocorrências
TA-1	68	3m06s
TA-2	61	2m21s
TA-3	44	1m11s
TA-4	61	1m45s
TA-5	56	2m56s

Fonte: Silva (2013, p. 127)

Figura 3 – Duração média das cm da SM.

Tradutores- Atores	Média
TA-1	0,40 seg.
TA-2	0,31 seg.
TA-3	0,23 seg.
TA-4	0,30 seg.
TA-5	0,47 seg.
Média Geral de Duração das CM da SM:	0,34 seg.

Fonte: Silva (2013, p. 129)

A omissão da mão não dominante em sinais bimanuais foi outro item analisado por Silva (2013). O autor observou que esse processo ocorre tanto com sinais simétricos (as duas mãos apresentam todos os parâmetros iguais), quanto naqueles em que a mão dominante é ativa e a mão não dominante é passiva. O autor reporta que houve omissão da mão não dominante entre os TAs, mas com baixo índice de ocorrências considerando o tempo do vídeo. Destaca ainda que os sinais simétricos têm maior propensão a sofrer a omissão da mão não dominante. Na figura 4, esse processo ocorre, por exemplo, com o sinal PRECISAR.

Figura 4 – Omissão de mão não dominante do sinal precisar.



Fonte: Silva (2013, p. 134-135)

O uso de expressões faciais afetivas foi também analisado. Como Silva (2013) restringiu sua análise a editais, ou seja, a textos informativos que devem apresentar uma linguagem neutra, a porcentagem de expressões faciais afetivas entre os TAs foi muito baixa e não ultrapassou 3,6%.

Silva (2013) relata ainda que houve certa dificuldade para analisar os movimentos corporais, MC. Mesmo assim, o autor conseguiu observar que o TA-2 foi o aquele que teve o maior índice de movimentos corporais, 23,41%, comparado aos outros TAs, que ficaram abaixo de 6%. O autor destaca ainda que, em contextos mais formais como gravações em estúdio, o uso de MC tem uma menor taxa de ocorrência.

Na libras é comum o uso de classificadores, CL, para tornar uma informação mais clara, ou seja, para ajudar na compreensão do receptor (SILVA, 2013, p.86). Embora seja comum nas línguas de sinais, o CL apareceu com uma porcentagem baixa nos editais analisados. Segundo Silva (2013), isso pode estar relacionado ao gênero textual, que têm uma função informativa, conforme mostra a figura 5.

Figura 5 – Número de ocorrências de CL.

Tradutores-Atores	Ocorrências de CL	Duração Total de Ocorrências
TA-1	04	05s
TA-2	05	16s
TA-3	-	-
TA-4	14	20s
TA-5	-	-

Fonte: Silva (2013, p. 139)

Por fim, o aspecto referente aos parâmetros totalmente articulados, PTA, se refere a sinais realizados completamente, com todos os seus parâmetros, a saber, configuração de mão (CM), movimento (M), ponto de articulação (PA), orientação (Or) e expressão facial (EF). Em relação a esse aspecto, Silva (2013) observou que apenas o TA-2 apresentou duas ocorrências de ausência desse aspecto, ou seja, de não realização plena de todos os parâmetros de um dado sinal (Figura 6). Isso provavelmente se deve ao grau de formalidade requerida pelo gênero edital.

Figura 6 – Número de ocorrências PTA.

Tradutores-Atores	Ocorrências de Sinais sem PTA	Duração Total de Ocorrências
TA-1	-	-
TA-2	2	0,9 seg.
TA-3	-	-
TA-4	-	-
TA-5	-	-

Fonte: Silva (2013, p. 142)

Em suma, segundo Silva (2013), os editais sinalizados pertencem a um gênero discursivo mais formal, pois veicula de forma oficial informações importantes para o receptor. Como tal, manifestou os parâmetros investigados de forma apropriada ao seu gênero. Precisamente, espaço de sinalização mais reduzido, nenhuma ocorrência de mão(s) e dedo(s) fora do enquadramento, soletração manual relativamente mais lenta e sem omissão de letras, baixa omissão da mão não dominante em sinais bimanuais, baixíssimo uso de expressões faciais afetivas, de movimentos corporais e de classificadores e, por fim, pouquíssimos casos de articulação não completa de parâmetros fonológicos.

4. Método

4.1 Fonte de dados

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados de três vídeos do YouTube, no qual um mesmo surdo aparece sinalizando. Os três vídeos analisados nesta pesquisa são os mesmos utilizados na disciplina de “Estudos Linguísticos IV: Língua e Sociedade” para a elaboração de seu trabalho final, conforme apresento na quadro 1.

Quadro 1 – Vídeos analisados

	Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3
			
Título	Escola Bilíngue PARA Surdos??? Por que não Escola Bilíngue DE Surdos?	SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA POPULAR I CORDEL EM LIBRAS: UMA TRADUÇÃO PARA A LITERATURA SURDA.	Explicando sobre a libras “Libras não substitui o português”.
Conteúdo	Neste vídeo, o sinalizante está fazendo uma reflexão sobre a diferença da preposição “para” e “de” relacionada à diferença de uma Escola <i>de</i> Surdos e uma Escola <i>para</i> Surdos. Segundo ele, a primeira é uma escola voltada somente para pessoas surdas, isto é, ouvintes não podem frequentar. Já a segunda, é uma escola diferente, pois nela ouvintes podem estudar.	No vídeo o sinalizante trata da importância da tradução de obras literárias para a libras. Além disso, ele resalta a necessidade de se fazer uma tradução do cordel, pois muitos surdos não têm conhecimento dessa forma de literatura. Também explica a importância de a tradução ser de qualidade, com características próprias da língua de sinais, dando como exemplo a tradução de uma música, onde é feita tradução palavra por palavra e que, às vezes, na libras não tem sentido algum.	No vídeo, o sinalizante relata sua experiência na faculdade com a frustração de não poder defender seu TCC em libras, sua língua. Conseqüentemente, ele acabou por desistir do curso. Relata também que na legislação o português substitui a libras, mas a libras não substitui o português. Cita o exemplo da UFSC, onde já é possível defender tese de doutorado em Libras, mas onde ainda o português não foi excluído das normas e, portanto, é preciso utilizá-lo na escrita do resumo.
Descrição do espaço	Trata-se de uma aula gravada em estúdio com fundo azul sem alunos, na qual, aparentemente, o sinalizante teve uma preparação para a gravação.	É possível perceber que se trata de uma aula gravada em sala de aula com alunos.	O sinalizante não deve ter tido uma preparação. A gravação foi realizada em um ambiente residencial e aparentemente em frente ao computador.
Publicado e fonte	30 de setembro de 2014. https://www.youtube.com/watch?v=2Fck29XVsc&t=284s 	6 de novembro de 2016. https://www.youtube.com/watch?v=jMIO4ndG9jo 	15 de agosto de 2017. https://www.youtube.com/watch?v=bQKM-UWCTk 
Duração	8 min e 27 s	16 min e 38 s	8 min e 5 s

Fonte: Elaborado pelos autores

Os três vídeos apresentam graus de formalidade diferentes entre eles. No vídeo sobre a diferença entre as preposições ‘de’ e ‘para’ em referência à escola de/para surdos, podemos perceber que houve uma preparação e o uso de um estúdio com fundo azul. Também o espaço

de sinalização é reduzido, focando apenas na parte superior do corpo do sinalizante. Por conta disso, dos três vídeos este parece ser o mais formal.

Já no vídeo da aula é possível perceber que, mesmo com alguma preparação, o elemento improvisado se manifesta, uma vez que o sinalizante interage com os alunos. Além disso, o espaço de sinalização é maior. Essa gravação foi realizada em um ambiente formal, mas ainda assim parece ser menos formal do que a aula gravada em estúdio.

O último vídeo parece ser uma gravação mais informal. Por ser uma narrativa de experiência pessoal, o sinalizante não deve ter tido uma preparação. A gravação foi realizada em um ambiente residencial e aparentemente em frente ao computador.

Conforme mostra o quadro 2, os espaços de sinalização utilizados em cada um dos vídeos são diferentes, ou seja, cada vídeo tem um enquadramento distinto do sinalizante.

Quadro 2 – Espaço de sinalização



Fonte: Elaborado pelos autores

4.2 Critérios de inclusão e exclusão

Como cada vídeo tem tempos diferentes optamos por pegar um tempo fixo de cada um, excluindo 1 min e 30 s do início. Com isso, em todos os vídeos iniciamos as análises a partir desse tempo até os 5 min e 30 s seguintes. Os minutos finais de todos os vídeos foram excluídos, resultando em 4 minutos de análise para cada vídeo.

Na tabela 1, é possível verificar as quantidades de sinais por vídeo e os minutos iniciais e finais de análise de cada um dos vídeos.

Tabela 1 – Tempo e quantidade de sinais analisados por vídeo

VÍDEO	QUANTIDADE DE SINAIS	TRECHO DO VÍDEO
VÍDEO 1	381 SINAIS	00:01:30.348 até 00:05:32.990
VÍDEO 2	315 SINAIS	00:01:29.934 até 00:05:30.720
VÍDEO 3	326 SINAIS	00:01:29.630 até 00:05:30.674

Fonte: Elaborado pelos autores

4.3 Categorias de análise

A análise foi realizada com base na ocorrência de alguns processos fonológicos investigados por Zimmer (2000 [1989]) na ASL. Precisamente, buscamos nos três vídeos selecionados para este estudo todos os casos de assimilação, perseveração e troca de dominância. Além disso, considerando que a soletração manual tem uma maior frequência em registros mais formais (SILVA, 2013), também coletamos as ocorrências de soletração manual empregadas nesses vídeos. As categorias de análise deste estudo são listadas a seguir.

- Aspectos fonológicos:
 - Assimilação
 - Perseveração
 - Troca de dominância
- Soletração manual

Zimmer (2000 [1989]) em sua pesquisa analisou também os aspectos morfológicos, lexicais, sintáticos e discursivos, mas optamos por desconsiderar esses níveis e focar apenas nos aspectos fonológicos por restrições de tempo. Mesmo entre os fonológicos, não analisamos todos, deixando de fora o uso do espaço e a duração dos sinais. Em relação ao espaço, a forma como esses vídeos foram gravados dificultaria sua análise. Já em relação à duração dos sinais, como os vídeos têm conteúdos diferentes, logo, vocabulários diferentes, não há como comparar a produção de um mesmo sinal num mesmo contexto nos três vídeos.

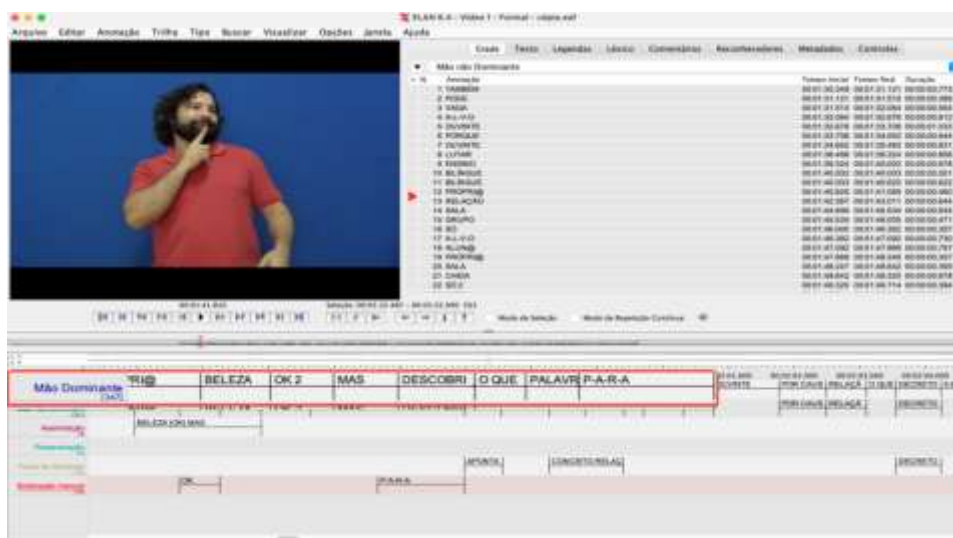
4.4 Procedimentos de análise

Para análise dos vídeos utilizei o *software* ELAN, que nos permitiu fazer anotações sincronizadas aos vídeos. No ELAN foi possível, por exemplo, criar trilhas para cada categoria de análise. Sendo assim, pudemos criar as trilhas para fazer as transcrições por glosa da sinalização e trilhas para marcar os processos fonológicos e o uso da soletração manual

identificados. Ao todo, foram criadas seis trilhas, duas para a glosa, precisamente, uma para a mão direita e outra para a mão esquerda, e as outras quatro para as categorias de análise.

Como primeiro passo, realizamos as transcrições dos três vídeos, utilizando glosas. Seguindo Santos e Xavier (2019), a segmentação de cada sinal se baseou nas fases do gesto. Ou seja, consideramos como início de um sinal o momento em que a mão começa a se preparar para sua produção. Consideramos como o término de um sinal o momento em que a mão começa a se preparar para produzir outro sinal ou a retornar ao repouso. Quando os sinais monomanuais eram realizados com a mão direita, os sinais eram anotados na trilha de mão dominante (MD) (Figura 10).

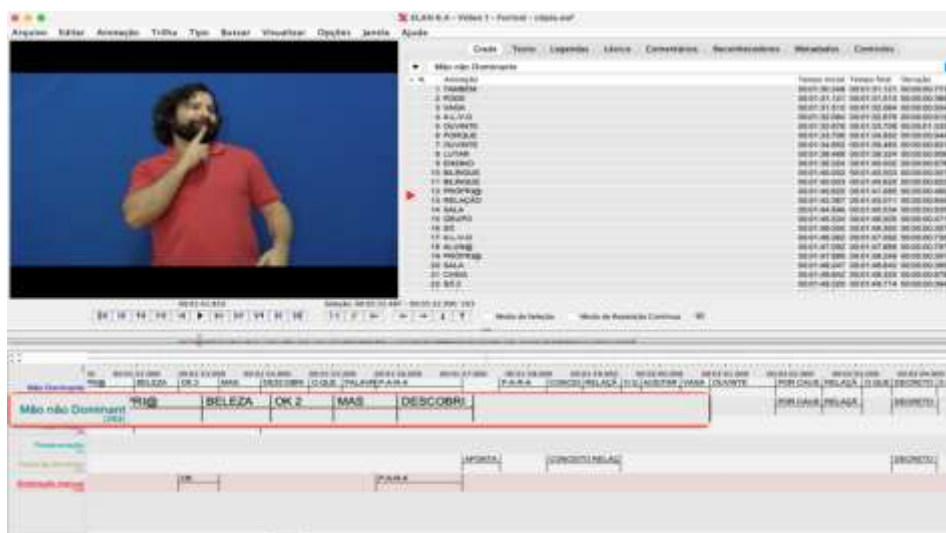
Figura 10 – Tela do ELAN com destaque na mão dominante (MD)



Fonte: Elaborado pelos autores

Já quando os sinais monomanuais eram realizados com a mão esquerda, os sinais eram transcritos na trilha correspondente à mão não dominante (MND) conforme figura 11.

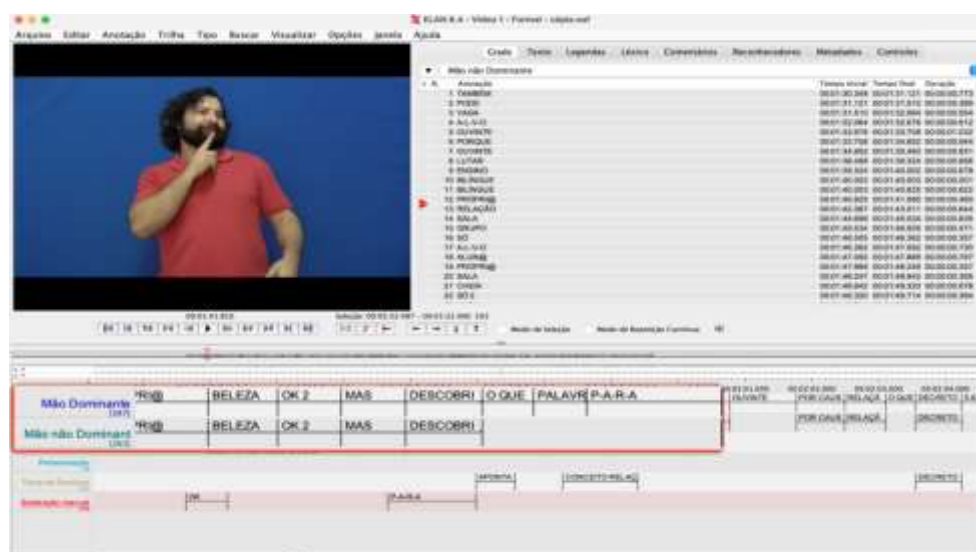
Figura 11 – Tela do ELAN com destaque à mão não dominante (MND)



Fonte: Elaborado pelos autores

Sinais realizados com as duas mãos, ou seja, sinais bimanuais, foram anotados nas duas trilhas: a da mão dominante (MD) e a da mão não dominante (MND), conforme figura 12.

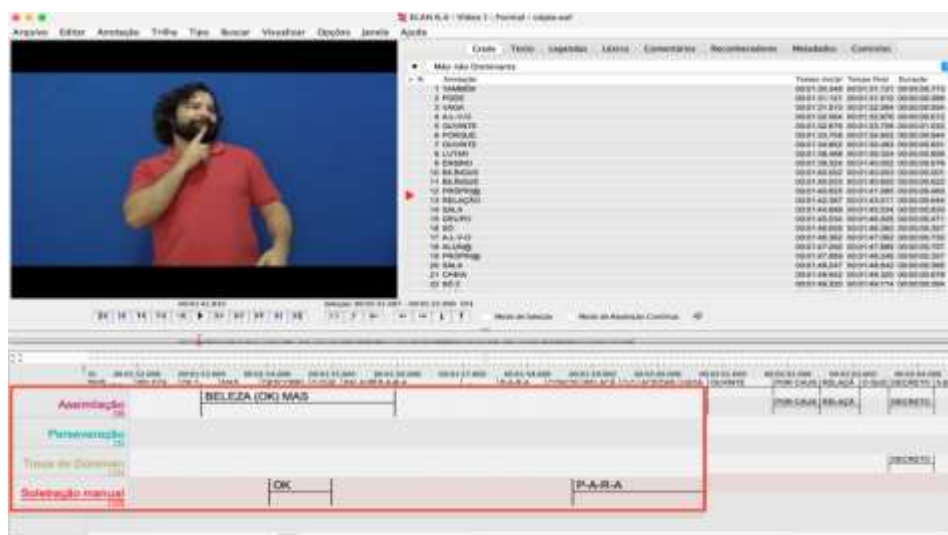
Figura 12 – Tela do ELAN com destaque tanto à mão dominante (MD) quanto à mão não dominante (MND)



Fonte: Elaborado pelos autores

As trilhas também foram criadas para cada processo fonológico analisado neste trabalho, sendo, portanto, criada uma trilha para a assimilação, uma para a perseveração e outra para a troca de dominância. Além disso, foi criada também uma trilha para a soletração manual, como ilustra a figura 13.

Figura 13 – Tela do ELAN com destaque aos processos fonológicos



Fonte: Elaborado pelos autores

5. Resultados

Para a apresentação dos resultados deste trabalho, realizamos a edição dos três vídeos, recortando apenas o trecho correspondente ao processo fonológico analisado. O vídeo editado tem duas apresentações, sendo a segunda em velocidade reduzida e com legenda. Após a edição, colocamos cada vídeo no canal do *YouTube*, referenciando devidamente o autor dos vídeos e incluindo seus *links* originais.

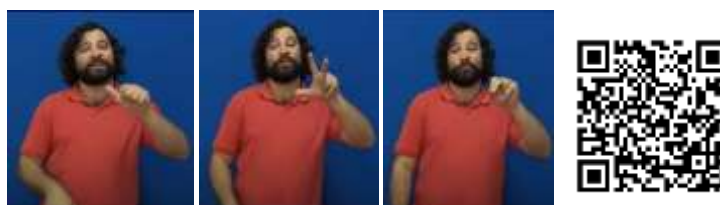
Os vídeos foram analisados individualmente, considerando os três processos fonológicos abordados neste trabalho, assimilação, perseveração e troca de dominância, e mais a soletração manual. Com isso, obtivemos o resultado individual de cada aspecto fonológico encontrado em cada vídeo, que iremos apresentar nas seções seguintes com exemplos e gráficos correspondentes.

5.1 Aula gravada em estúdio sem alunos

ASSIMILAÇÃO

O sinalizante realiza a soletração manual da palavra “alvo”, mas durante a produção da letra manual L, ele assimila a configuração da letra manual seguinte, V. Algo parecido ocorre durante a produção da letra manual O. Tal letra normalmente é executada com os quatro dedos juntos em contato com o polegar, mas neste exemplo é feita como a letra anterior V, portanto, com apenas os dedos indicador e médio em contato com o polegar (Figura 14)¹.

Figura 7 – Assimilação da configuração da letra manual V pela letra manual L na soletração da palavra alvo



MD

ME

A L-V O

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_kiCCYbYf3w

Legenda: Alvo.

Fonte: Elaborado pelos autores

PERSEVERAÇÃO

O exemplo da figura 15 se refere à perseveração. Nele, vê-se o sinalizante perseverar o sinal DENTRO, que é mantido durante a produção dos próximos dois sinais.

¹ Para um estudo mais pormenorizado sobre a assimilação e outros processos fonológicos na soletração manual em libras, ver Souza (2023).

Figura 8 – Perseveração da mão não dominante do sinal dentro



MD DENTRO ACEITAR OUVINTE
ME DENTRO.....

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9gZyZSNKOYA>

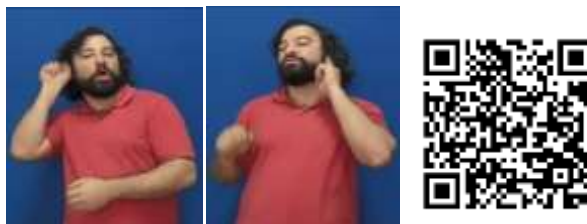
Legenda: Dentro aceita ouvinte.

Fonte: Elaborado pelos autores

TROCA DE DOMINÂNCIA

Na troca de dominância apresentada no exemplo da figura 16, o sinalizante realizar o sinal OUVINTE com sua mão dominante e o sinal SURD@ com sua mão não dominante.

Figura 9 – Troca de dominância da mão esquerda do sinal surdo



MD OUVINTE
ME SURD@

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?V=kxtl5hmfml0>

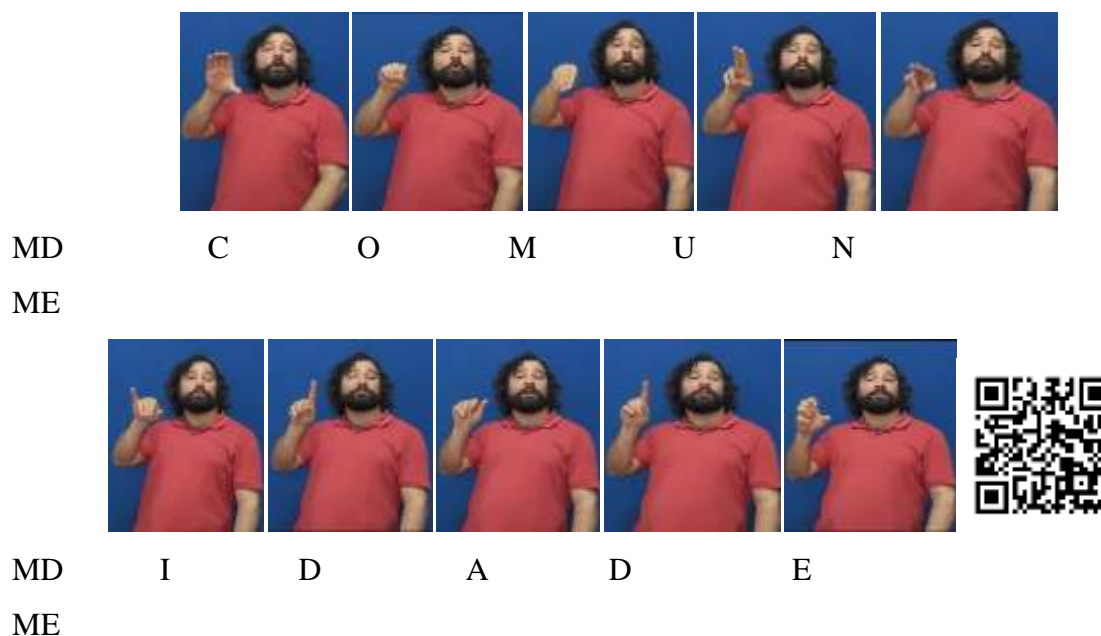
Legenda: Ouvinte e surd@.

Fonte: Elaborado pelos autores

SOLETRAÇÃO MANUAL

A soletração manual apresentada no exemplo da figura 17 se dá com a palavra ‘comunidade’. Nesse caso, o sinalizante realiza todas as letras manuais correspondentes à palavra do português.

Figura 10 – Soletração manual da palavra comunidade



Fonte: <https://youtu.be/psghn7cxijm>

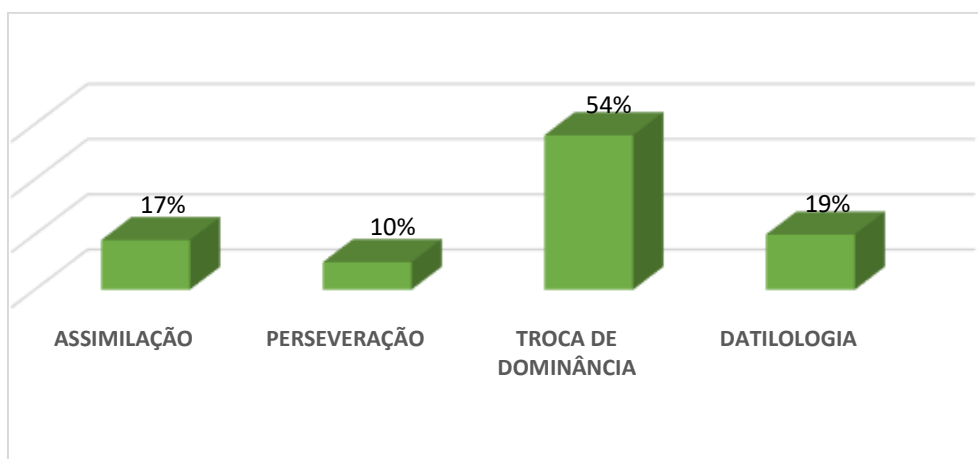
Legenda: Comunidade.

Fonte: Elaborado pelos autores

SÍNTESE

O gráfico 1 a seguir apresenta em porcentagem a ocorrência de processos fonológicos e o uso da soletração manual no vídeo “aula gravada em estúdio sem alunos”.

Gráfico 1 – Categorias de análise no vídeo 1



Fonte: Elaborado pelos autores

Observa-se que no vídeo em questão a troca de dominância foi o processo mais frequente, com 54%, seguido pelo uso da soletração manual, com 19%, da assimilação, com 17% e da perseveração, com 10% das ocorrências. Esse resultado parece se coadunar com os achados de Zimmer (2000 [1989]) para a ASL, uma vez que no registro mais formal a autora reportou maior ocorrência de troca de dominância e menor ocorrência de assimilação e perseveração.

5.2 Aula universitária gravada com alunos

ASSIMILAÇÃO

No exemplo de assimilação apresentado na figura 18, o sinal DAQUI assimila características do sinal anterior, MAS. Precisamente, a realização do sinal DAQUI é normalmente feita com apenas uma mão, mas no caso em discussão o sinalizante copia o número de mãos do sinal anterior, realizando DAQUI também com as duas mãos.

Figura 11 – Assimilação do sinal, mas onde o sinal daqui copia o número de mãos do sinal anterior



MD	MAIORIA	MAS	DAQUI
ME	MAIORIA	MAS	DAQUI

Fonte: <https://youtu.be/4swlsTltRDc>

Legenda: Maioria, mas daqui.

Fonte: Elaborado pelos autores

PERSEVERAÇÃO

A perseveração apresentada no exemplo da figura 19 se dá com o sinal LÍNGUA-DE-SINAIS. Como se pode ver na imagem, a mão não dominante empregada na produção desse sinal persevera durante a produção do sinal TER.

Figura 12 – Perseveração da mão não dominante do sinal língua de sinais



MD LÍNGUA DE SINAIS TER
ME LÍNGUA DE SINAIS

Fonte: <https://youtu.be/3bqScEsYJkg>

Legenda: Língua de sinais tem.

Fonte: Elaborado pelos autores

TROCA DE DOMINÂNCIA

No exemplo de troca de dominância da figura 20, o sinalizante produz o sinal PESQUISAR de forma típica, ou seja, com a mão direita ativa e a esquerda passiva. Nos próximos três sinais, CORDEL, AQUI e BRASIL, o sinalizante troca de mão e os produz com a mão esquerda, não dominante.

Figura 13 – Troca de dominância da mão esquerda dos sinais cordel, aqui e brasil



MD PESQUISAR
ME CORDEL AQUI BRASIL

Fonte: https://youtu.be/3iz7CvEx9_4

Legenda: Pesquisar cordel aqui no Brasil.

Fonte: Elaborado pelos autores

SOLETRAÇÃO MANUAL

A soletração manual produzida pelo sinalizante se refere à palavra ‘claro’ do português. Tal soletração se dá por completo, como se pode ver na figura 21.

Figura 14 – Soletração manual da palavra claro



MD C L A R O
ME

Fonte: <https://youtu.be/mYwGNxF7-LA>

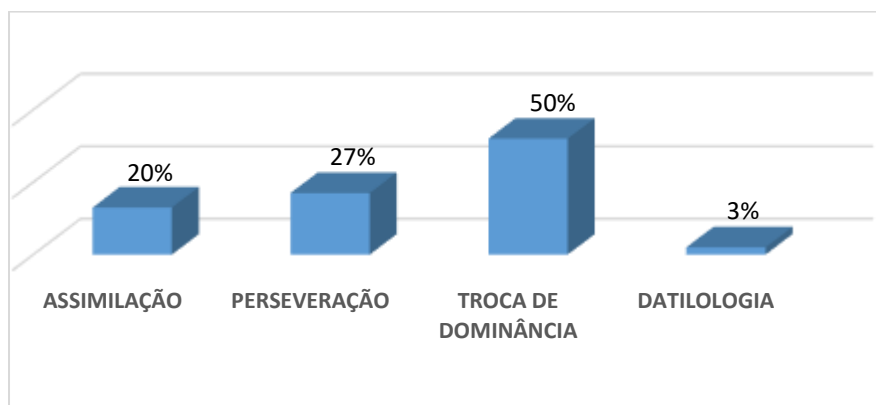
Legenda: Claro.

Fonte: Elaborado pelos autores

SÍNTESE

O gráfico 2 a seguir apresenta em porcentagem os processos fonológicos identificados no vídeo “aula universitária gravada com alunos”.

Gráfico 2 – Categorias de análise no vídeo 2



Fonte: Elaborado pelos autores

Nesse caso, observamos que a troca de dominância ocorreu com maior frequência, totalizando 50%. Em segundo lugar aparece a perseveração, com 27%, em terceiro a assimilação, com 20%, e por último a soletração manual, com 3%. A soletração manual foi o aspecto menos frequente em comparação aos outros três.

5.3 Relato pessoal

ASSIMILAÇÃO

No exemplo de assimilação da figura 22, o sinalizante realiza os sinais JÁ e AGORA em sequência. O sinal JÁ normalmente é produzido com uma mão, mas no exemplo em questão ele assimilou o número de mãos do sinal bimanual AGORA.

Figura 15 – Assimilação do número de mãos no sinal já



MD	JÁ	AGORA
ME	JÁ	AGORA

Fonte: <https://youtu.be/pGkBAE0c6P4>

Legenda: Já agora.

Fonte: Elaborado pelos autores

PERSEVERAÇÃO

O exemplo de perseveração na figura 23 envolve o sinal INSCRIÇÃO. Nesse caso, o sinalizante realiza tal sinal e persevera sua mão passiva durante a produção dos dois sinais seguintes, EST@ e TER.

Figura 16 – Perseveração da mão esquerda do sinal inscrição



MD INSCRIÇÃO.....

ME INSCRIÇÃO EST@ TER

Fonte: <https://youtu.be/VP0m6zyDWbo>

Legenda: Esta inscrição tem.

Fonte: Elaborado pelos autores

TROCA DE DOMINÂNCIA

A troca de dominância ocorreu no exemplo retratado na figura 24, depois que o sinalizante realizou os sinais LÁ e COMEÇAR com a mão direita ativa. Precisamente, o processo em questão se deu durante a soletração manual da sigla ‘TCC’.

Figura 17 – Troca de dominância da mão não dominante da soletração manual das letras TCC



MD LÁ COMEÇAR

ME T C C

Fonte: https://youtu.be/_QngcQvBdmo

Legenda: Lá começou TCC.

Fonte: Elaborado pelos autores

SOLETRAÇÃO MANUAL

Na figura 25, apresentamos um exemplo de soletração manual observada no vídeo em análise. Trata-se da soletração manual completa da palavra ‘jubilado’.

Figura 18 – Soletração manual da palavra jubilado



MD
ME

J U B I



MD
ME

L A D O

Fonte: <https://youtu.be/fkBjEa4bob8>

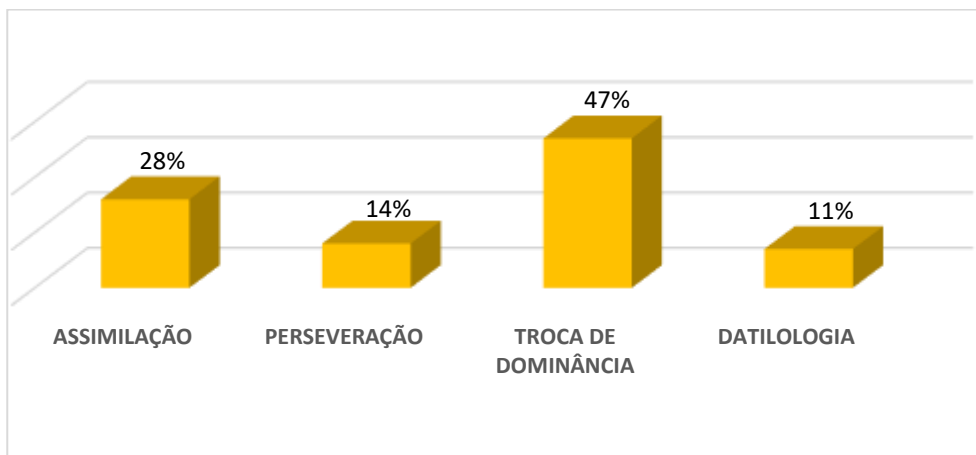
Legenda: Jubilado.

Fonte: Elaborado pelos autores

SÍNTESE

O gráfico 3, apresentado abaixo, mostra os resultados obtidos na análise dos processos fonológicos e do uso da soletração manual identificados no terceiro vídeo.

Gráfico 3 – Categorias de análise no vídeo 3



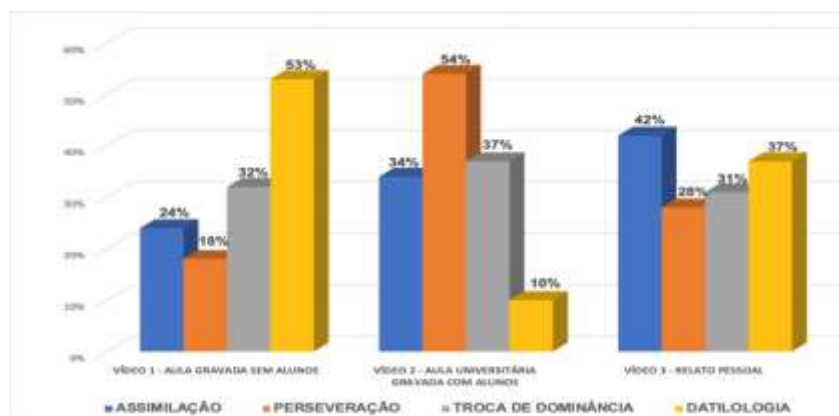
Fonte: Elaborado pelos autores

No referido gráfico, a troca de dominância apresentou maior frequência, totalizando 47% de ocorrências. A assimilação, por sua vez, atingiu 28%, a perseveração, 14% e a soletração manual, 11%. A perseveração e a soletração manual tiveram um baixo índice de frequência, comparados aos outros dois aspectos, assimilação e troca de dominância.

5.4 Comparativo entre os vídeos

Através do gráfico 4 é possível comparar resultados obtidos neste trabalho para cada vídeo analisado e observar variação intra-sujeito na frequência de ocorrência de processos fonológicos e do uso da soletração por situação comunicativa, assim como Zimmer (2000 [1989]) observou na ASL.

Gráfico 4 – Comparativo dos resultados das análises.



Fonte: Elaborado pelos autores

Precisamente, o estudo mostrou que a assimilação ocorreu com maior frequência no vídeo de relato pessoal, o menos formal dos três, totalizando 42%. Por outro lado, esse mesmo processo ocorreu com menor frequência no vídeo da aula universitária gravada sem alunos, o mais formal dos três, totalizando 24%. Esses resultados se aproximam daqueles reportados por Zimmer, que não identificou ocorrências de assimilação no vídeo mais formal e relata que tal processo foi mais frequente na entrevista, vídeo menos formal.

A perseveração, assim como no trabalho de Zimmer, teve menor frequência no vídeo mais formal, 18%, e teve maior frequência no vídeo da aula com alunos, 54%, seguido do vídeo de relato pessoal, 28%.

Diferente do resultado reportado por Zimmer, entretanto, a troca de dominância ocorreu mais vezes na aula com alunos, 37%, mas não teve muita diferença entre as outras duas situações: na aula sem alunos o processo ocorreu em 32% e no relato pessoal atingiu 31%.

Zimmer (2000 [1989]) não pesquisou a variação na frequência de uso soletração manual em diferentes registros na ASL. Como já dito, optamos por incluir esse aspecto no trabalho, pois, de acordo com Silva (2013), o uso de soletração manual é mais frequente em registros mais formais. Assim como nos resultados do trabalho do referido autor, neste trabalho a soletração manual apresentou maior frequência no vídeo mais formal, ou seja, na aula gravada em estúdio sem alunos, totalizando 53% das ocorrências. Esse percentual foi seguido pelo vídeo com relato pessoal, 37% e da aula com alunos, 10%.

6. Considerações finais

Baseando-nos na pesquisa de Zimmer (2000 [1989]) sobre a variação no registro em ASL, o presente trabalho teve como objetivo observar a variação na frequência de processos fonológicos e do uso da soletração manual nas produções em libras de um mesmo sinalizante surdo em diferentes situações comunicativas. Para isso, foram analisados três vídeos do *YouTube* desse sinalizante. O vídeo 1 diz respeito a uma aula gravada em estúdio sem alunos. O vídeo 2, por sua vez, se refere a uma aula universitária gravada com alunos. Por fim, o vídeo 3 apresenta um relato pessoal.

As categorias de análise escolhidas para este trabalho foram três processos fonológicos, a saber, assimilação, perseveração e troca de dominância, também pesquisados por Zimmer (2000 [1989]), mais o uso soletração manual, não pesquisado pela referida autora.

Para a análise dos vídeos foi utilizado o *software* ELAN, que permitiu transcrições por glosa sincronizadas aos vídeos e a identificação das ocorrências dos processos fonológicos e do uso da soletração manual.

Os resultados referentes à assimilação e à troca de dominância diferem dos obtidos por Zimmer (2000 [1989]). A assimilação não foi identificada pela autora no vídeo mais formal. Já nesta pesquisa ela foi (aula gravada sem alunos), ainda que com menor frequência em relação a vídeos menos formais. Em relação à troca de dominância, na pesquisa de Zimmer observou-se maior frequência desse processo no vídeo mais formal. Isso difere de nossos resultados, de acordo com os quais a troca de dominância ocorreu mais vezes no vídeo da aula com alunos, que é o vídeo com menor formalidade, em comparação ao vídeo da aula gravada sem alunos. Entretanto, nossos resultados se assemelham aos de Zimmer (2000 [1989]) no que diz respeito à perseveração. Precisamente, assim como no trabalho da referida autora, esse processo teve menor frequência no vídeo mais formal.

Por fim, em conformidade com Silva (2013), as ocorrências de soletração manual foram mais frequentes em situações mais formais, ou seja, ocorreu com maior frequência no vídeo mais formal, aula gravada sem alunos.

Com isso, concluímos que a variação intra-sujeito, de certa forma, acontece por influência da situação comunicativa em que o sinalizante está inserido. Esse tema ainda requer mais pesquisas. Ainda há outros processos fonológicos, bem como aspectos

morfológicos, lexicais, sintáticos e discursivos que precisam ser considerados e analisados quanto à sua ocorrência em diferentes situações comunicativas em estudo futuros.

Referências

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso 09 abr 2024.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GABARDO, L. A. **Estudo da troca de dominância em libras em diferentes situações comunicativas**. Dissertação (Mestrado em Letras). Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2023.

GABARDO, L. de A.; XAVIER, A. N. Estudo preliminar da troca de dominância em libras. **REVISTA DIÁLOGOS (REVDIA)**, v. 8, p. 70-87, 2019.

HACKL, D. A. **Produções Acadêmicas (Teses e Dissertações) no Brasil: Contribuições para Estudos Linguísticos de Libras**. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2021.

SANTOS, T.; XAVIER, A. N. Os efeitos da intensificação no movimento da(s) mão(s) na produção de sinais da libras. **Revista Entrepalavras**, v. 9, p. 1-19, 2019.

SILVA, R. C. da. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SILVA, A. R.; XAVIER, A. N. Identificação, documentação e descrição de processos fonológicos na libras. **HUMANIDADES & INOVAÇÃO**, v. 7, p. 58-84, 2020.

SOUZA, C. B. de. **Análise de processos fonológicos na soletração manual em libras**. Dissertação (Mestrado em Letras). Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2023.

ZIMMER, J. Toward a Description of Register Variation in American Sign Language. In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil. **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. 3rd ed. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.